



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS E DA MADEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS FLORESTAIS

**CATHERINE CRISTINA CLAROS LEITE
JULYANA CRISTINA CÂNDIDO VIANA
SANDRA AGUIAR DE OLIVEIRA PIRES
THAÍS MENDES BRITO**

SOCIALISMO CIENTÍFICO

JERÔNIMO MONTEIRO

2016

**CATHERINE CRISTINA CLAROS LEITE
JULYANA CRISTINA CÂNDIDO VIANA
SANDRA AGUIAR DE OLIVEIRA PIRES
THAÍS MENDES BRITO**

SOCIALISMO CIENTÍFICO

Trabalho apresentado por exigência da Disciplina de Metodologia de Pesquisa Científica, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para avaliação da disciplina.

Prof. D. Sc. Wendel Sandro de Paula Andrade.

JERÔNIMO MONTEIRO

2016

RESUMO

No seio das condições políticas, econômicas e sociais causadas pelo modo de produção capitalista, surgiu o socialismo científico, idealizado por Marx e Engels com o propósito de substituição do capitalismo pelo socialismo, de modo a alcançar uma sociedade igualitária. Seus fundadores empregaram o método do materialismo histórico e dialético para analisar as formações econômico-sociais pré-capitalistas, exibir o conteúdo de classe e o processo de exploração do proletariado no capitalismo e defender a organização política da classe operária, a estratégia da revolução proletária e os métodos da luta de classes. O materialismo histórico tem como objeto as transformações econômicas e sociais, determinadas pela evolução dos meios de produção. Baseado na filosofia do materialismo histórico e no movimento de contradição da história, tem-se o materialismo dialético. O materialismo histórico e dialético é um enfoque teórico, metodológico e analítico que nos leva a compreender a dinâmica e as grandes transformações da história e das sociedades humanas. Até os dias atuais, o legado de Marx continua afetando uma variedade de reflexões no campo social em suas diversas áreas, principalmente nas ciências humanas. Na área da saúde, também é possível perceber influências Marxistas, sobretudo no que se refere à saúde coletiva. Já no campo das ciências exatas, a dialética enquanto método não interessa, uma vez que, essa área procura ler as composições biofísicas e físico-químicas dos seres materiais e mais ligadas aos fatos.

Palavras-chave: capitalismo, dialética, Karl Marx.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1	ORIGENS DO SOCIALISMO CIENTÍFICO	5
2.2	O MÉTODO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO	7
2.2.1	Contribuições do método histórico e dialético para a ciência	11
2.3	O SOCIALISMO CIENTÍFICO NA ATUALIDADE	13
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
	REFERÊNCIAS	16

1 INTRODUÇÃO

O socialismo científico, também conhecido como socialismo marxista e marxismo, é um princípio político, social e econômico formulado por Marx e Engels no final da década de 1840, que teve profunda influência no mundo. Essa doutrina socialista tinha por objetivo explorar a sociedade para então, transformá-la. Seu propósito principal era a substituição do capitalismo pelo comunismo, através de um processo revolucionário (SIQUEIRA; PEREIRA, 2010).

O socialismo científico é considerado uma concepção de história e sociedade idealizada a partir das condições materiais de existência econômico-sociais e da dinâmica da luta de classes (PEREIRA, 2015).

Para Alves (2010), a crescente sofisticação do conhecimento levou o homem a questionar a explicação dada ao mundo e a tentar entendê-lo com teorias baseadas na experiência objetiva. Dessa forma, essas teorias dividiram-se em duas grandes tendências: materialismo e idealismo. O materialismo aponta a matéria como substância primeira e última de qualquer ser, coisa ou fenômeno do universo e contrapõe-se ao idealismo, que tem como elemento essencial a ideia, o pensamento ou o espírito.

Os fundadores do marxismo, ou socialismo científico, Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), empregaram o método do materialismo histórico e dialético para analisar as formações econômico-sociais pré-capitalistas, exibir o conteúdo de classe e o processo de exploração do proletariado no capitalismo e defender a organização política da classe operária, a estratégia da revolução proletária e os métodos da luta de classes (SIQUEIRA; PEREIRA, 2010).

Com a formação do capitalismo, também se origina uma nova classe social, o proletariado, que era obrigada a vender a sua força de trabalho aos donos dos meios de produção, para garantir a sua existência social (PEREIRA, 2015). Os fundadores do socialismo científico não buscavam criar um novo modelo de sociedade, mas sim, encontrar, dentro da sociedade capitalista, as forças sociais capazes de promover as mudanças necessárias.

Considerando a importância do tema em questão, o objetivo do trabalho é apresentar o pensamento do socialismo científico de Karl Marx e Engels, bem como, a sua influência na metodologia científica. Além disso, abordar seu posicionamento

em relação à construção do conhecimento científico, a sua relação com o materialismo histórico e dialético e a aplicação de seus princípios na atualidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ORIGENS DO SOCIALISMO CIENTÍFICO

O socialismo científico foi resultado de condições históricas que se desenvolveram ao longo do tempo, em particular entre o final do século XVIII e primeiras décadas do século XIX. O contexto social no qual se ergueu o marxismo como corrente teórico-política é do modo de produção capitalista, marcado por um conjunto de relações de produção e reprodução da vida material, base da sociedade burguesa moderna (PEREIRA, 2015).

Nesse período, a Europa vivia o processo da primeira Revolução Industrial, na qual a produtividade do trabalho humano alcançara escala jamais vista nas formações econômico-sociais anteriores ao capitalismo, trazendo inúmeras consequências à sociedade, tais como: surgimento de duas novas classes na sociedade, burguesia e proletariado; exploração do trabalho humano; conflito entre operários e empresários (COSTA, 2008; PEREIRA, 2015).

Com o desenvolvimento do capitalismo, crescia também a opressão e a exploração dos trabalhadores, onde estes foram condenados à miséria e ao trabalho escravo nas fábricas (COSTA, 2008). A classe operária começa então a expressar seu inconformismo diante das condições de trabalho e de vida, surgindo os movimentos operários, as greves, a formação dos primeiros sindicatos e as primeiras batalhas históricas travadas pelo proletariado contra a exploração burguesa (MAGELA, 2007 citado por COSTA, 2008; PEREIRA, 2015).

As contradições e as crises geradas pelo capitalismo conduzem o movimento da classe operária e demais explorados não só a defender os seus direitos e reivindicações, mas a confrontar com o capital, em direção ao socialismo (PEREIRA, 2015).

A aspiração por uma sociedade de paz, trabalho, igualdade, e liberdade ganhou caráter científico através de Karl Marx, Friedrich Engels e mais tarde Vladimir Ilych Lênin, que indicavam as forças revolucionárias como capazes de destruir o velho mundo e construir uma nova sociedade: o proletariado. As soluções para os

problemas enfrentados pela sociedade só poderiam ser oferecidas com base em uma análise materialista, científica e histórica da realidade, e foi o que fizeram Marx e Engels, fundadores do Socialismo Científico. Dessa forma, Marx e Engels estudaram e analisaram todo o processo histórico e socioeconômico da humanidade, baseando-se em trabalhos dos pensadores anteriores, pensamentos estes representados pela filosofia alemã, pela economia política inglesa e pelo socialismo francês, e principalmente pela influência do pensamento dos Socialistas Utópicos (COSTA, 2008).

As maiores influências da filosofia alemã vieram de Hegel e Feuerbach. Hegel influenciou Marx, principalmente, com sua filosofia da história e sua concepção dialética. Para Hegel, nada no mundo é estático, tudo está em constante processo. Toda a teoria Hegeliana era idealista, sendo de Feuerbach a influência materialista recebida por Marx, a qual possui caráter ontológico centrado na natureza. Tal influência conduziu Marx a realizar uma revisão crítica a Hegel, mantendo a percepção da história enquanto progressão dialética, mas discordando de sua concepção idealista, visto que, a partir de Feuerbach, passou a compreender que a origem da realidade social não reside nas ideias, mas sim na ação concreta (OLIVEIRA; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2012). Apesar de aderir à concepção materialista de Feuerbach, Marx discorda desse no ponto em que sua tendência materialista faz distinção entre natureza e sociedade. Marx considera essa distinção inaceitável, uma vez que considera uma única ciência, a ciência da história, que integra natureza e sociedade. Além disso, Feuerbach separava materialismo de história (LUKÁCS, 1979).

O socialismo utópico era um conjunto de doutrinas que tinham duas características básicas em comum: a base determinante do comportamento humano residia na esfera moral/ideológica e o desenvolvimento de uma nova era, onde iria imperar a harmonia social (OLIVEIRA; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2012). Os grandes pensadores afirmavam que a sociedade estaria avançando para uma nova realidade, onde a principal virtude seria o trabalho, e não o lucro e o egoísmo. A exploração seria substituída pelo cooperativismo e a justiça social seria finalmente estabelecida (COSTA, 2008). Nesse sentido, Marx criticava as ideias românticas dos socialistas utópicos, resultado da falta de rigor no estudo da condição social, principalmente, no que diz respeito à economia política. Além disso, os socialistas utópicos diziam como

deveria ser a sociedade harmônica ideal, mas não mostravam formas como alcançá-la (OLIVEIRA; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2012).

As maiores contribuições oriundas da economia política clássica, foram as criadas por Adam Smith e David Ricardo. Na obra deste último autor, Marx encontrou conceitos como: valor, divisão social do trabalho, acumulação primitiva e mais-valia, que, após profunda revisão e reelaboração, adotou em definitivo (OLIVEIRA; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2012).

Diante de tais influências, Marx propõe um rompimento com o modo de fazer ciência e filosofia até então existentes. Esse rompimento é eminentemente ontológico, pois busca na realidade o fundamento da existência e não na ideia, no pensamento (TONET, 1995).

Diante do exposto, uma definição resumida, simples e clara sobre marxismo pode ser encontrada em Siqueira e Silva:

Essa teoria social não é outra senão o *marxismo*, o conjunto das ideias revolucionárias fundadas nas concepções teóricas, políticas e programáticas constituídas por Karl Marx (1918-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), com base numa síntese da experiência do desenvolvimento histórico geral, das contradições da sociedade capitalista e da luta de classe do proletariado e demais explorados contra o domínio do capital sobre o trabalho. (SIQUEIRA; SILVA, 2010, p.4).

2.2 O MÉTODO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO

Para Marx, o nosso jeito de ser e pensar é determinado pelas relações sociais de produção, isso significa o termo materialismo. Nele, a consciência humana é determinada a pensar as ideias advindas das condições materiais. As relações sociais são interligadas às forças produtivas e econômicas, sendo estas as determinantes. Dessa forma, ao adquirir novas forças produtivas, os homens alteram o seu modo de produção, assim como a maneira de ganhar a vida, modificando todas as relações sociais (MEIER, 2009).

Conforme Sobral (2012), realiza-se uma atividade produtiva conjunta de divisão e cooperação no trabalho, quando os homens trabalham uns para os outros, mas esses não realizam as mesmas tarefas, surgindo como uma divisão espontânea. Com o desenvolvimento e diferenciação dos objetos e meios de trabalho, caminhou-se para uma especialização que se refletiu no centro das primeiras unidades de produção. Assim, a divisão do trabalho dá lugar a um sistema de relações específicas e

permanentes entre os indivíduos que integram um grupo, mesmo nas suas formas primitivas.

Meier (2009) comenta que, à medida que os modos de produção são alterados, a consciência dos seres humanos também se transforma. Por isso, ao contrário do que muitos afirmam, para Marx, não são as ideias humanas que movem a história, mas as condições históricas que produzem as ideias em cada época. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual.

A concepção marxista é uma ciência à qual o pensador alemão Karl Marx deu o nome de materialismo histórico que tem como objeto as transformações econômicas e sociais, determinadas pela evolução dos meios de produção (ALVES, 2010). O termo “histórico” parte do entendimento de que a compreensão da existência humana implica na percepção de seus condicionantes históricos (GOMIDE, 2013).

A partir do materialismo histórico fundou-se uma nova dialética, a qual percorreu um imenso caminho, que foi desde Heráclito à Hegel e de Hegel para o pensamento marxista (GOMIDE, 2013). O materialismo dialético pode ser entendido como a filosofia do materialismo histórico, e o termo “dialético” tem como pressuposição o movimento da contradição produzida na própria história (ALVES, 2010; GOMIDE, 2013).

Sobral (2012, p. 7) afirma que, no materialismo dialético “a história do homem é compreendida ‘de frente para trás’, ou seja, partindo do presente de volta ao passado, numa concepção inversa ao modo tradicional de se ‘contar’ a história”. Chama-se materialismo dialético porque a sua concepção, o seu método de estudo e de conhecimento dos fenômenos da natureza é dialético, e a sua interpretação, o seu conceito, a sua teoria dos fenômenos da natureza é materialista (STÁLIN, 2014). A dialética significa arte do diálogo ou da discussão. Os gregos compreendiam a dialética como sendo “separação dos fatos”, dividindo as ideias para poder debatê-las com mais clareza. A dialética seria, então, um método de diálogo cuja principal característica é a contraposição e contradição das ideias que levam a outras ideias (VASCONCELOS, 2014). Alguns filósofos consideravam que a revelação das contradições do pensamento e o confronto de opiniões divergentes constituía o melhor meio para descobrir a verdade. Este método dialético de pensamento, que posteriormente foi aplicado aos fenômenos da natureza, que se transformou no método dialético de conhecimento da natureza, o qual considera que os fenômenos

estão em constante movimento e mudança, e que o desenvolvimento da natureza é o resultado do desenvolvimento das contradições nela existentes (STÁLIN, 2014).

O método dialético foi dividido em três momentos básicos por Hegel: a tese (uma ideia pretensamente verdadeira), a antítese (a contradição ou negação dessa tese) e a síntese (o resultado da confrontação de ambas as ideias). O ciclo dialético recomeça quando a síntese se torna uma nova tese. Mas somente a partir de Karl Marx que a dialética se torna método científico, pois esse critica o idealismo da filosofia de Hegel e propõe a dialética materialista, ou seja, a utilização do pensamento dialético como método de análise da realidade (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Baseado na dialética de Hegel, em que o progresso das ideias se dá pelo seguimento de três momentos, o materialismo dialético pretende ser, ao mesmo tempo, o fim da filosofia e o início de uma nova filosofia, que não se limita a pensar o mundo, mas pretende transformá-lo (ALVES, 2010). Vasconcelos (2014) destaca que a dialética de Hegel tem como principal limitação, conceber que a contradição responsável pela geração do movimento, é um produto apenas do espírito, isto é, da ideia. Marx defende que a consciência, o pensamento, a ideia são apenas reflexos da realidade material.

Marx não chegou a desenvolver sistematicamente o seu método, mas limitou-se em princípio a aplicá-lo. Porém, a maneira como o fez, como dele se utiliza e a sua teoria econômica resultante, constituem exemplo máximo que fornece os elementos para traçar aquilo que consistem em seus procedimentos metodológicos (PRADO JÚNIOR, 2001). Conforme Oliveira, Nascimento e Oliveira (2012), o que existe sobre o método são premissas e indicações contidas em suas obras, que levam à construção de direcionamentos e pressupostos.

Elementos para a compreensão do método podem ser encontrados nos primeiros escritos de Marx como na *Ideologia Alemã* e nos *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, por exemplo, mas é em *O Capital*, sua mais importante obra, que apresenta não uma exposição do método, mas sua aplicação nas análises econômicas ali empreendidas. *A Contribuição à Crítica da Economia Política*, texto introdutório de *O Capital*, talvez seja o texto de Marx que mais se aproxima de uma sistematização do método (PIRES, 1997).

Conforme Lakatos e Marconi (2003), o método dialético parte de alguns pressupostos. Os autores mencionam que, conforme diferentes autores que interpretam a dialética materialista, o número de leis fundamentais do método dialético

pode variar. Numa tentativa de unificação, Lakatos e Marconi (2003) descrevem quatro leis fundamentais, sendo elas: ação recíproca, unidade polar ou “tudo se relaciona”; mudança dialética, negação da negação ou “tudo se transforma”; passagem da quantidade à qualidade ou mudança qualitativa; e, interpenetração dos contrários, contradição ou luta dos contrários.

Quanto à lei da ação recíproca, os autores destacam que:

[...] para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está “acabada”, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro. Por outro lado, as coisas não existem isoladas, destacadas uma das outras e independentes, mas como um todo unido, coerente. Tanto a natureza quanto a sociedade são compostas de objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros e, ao mesmo tempo, condicionando-se reciprocamente. [...] Todos os aspectos da realidade (da natureza ou da sociedade) prendem-se por laços necessários e recíprocos (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 101).

Quanto à lei da mudança dialética ou “negação da negação”, Marconi e Lakatos (2003, p. 102) abordam que:

Todo movimento, transformação ou desenvolvimento opera-se por meio das contradições ou mediante a negação de uma coisa – essa negação se refere à transformação das coisas. Dito de outra forma, a negação de uma coisa é o ponto de transformação das coisas em seu contrário. Ora, a negação, por sua vez, é negada. Por isso se diz que a mudança dialética é a negação da negação.

Os autores, abordando sobre a lei “passagem da quantidade à qualidade ou mudança qualitativa”, mencionam que

[...] a mudança das coisas não pode ser indefinidamente quantitativa: transformando-se, em determinado momento sofrem mudança qualitativa. A quantidade transforma-se em qualidade. [...] Denominamos de mudança quantitativa o simples aumento ou diminuição de quantidade. Por sua vez, a mudança qualitativa seria a passagem de uma qualidade ou de um estado para outro. O importante é lembrar que a mudança qualitativa não é obra do acaso, pois decorre necessariamente da mudança quantitativa (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 104).

Os autores, discutindo sobre a lei “interpretação dos contrários”, apontam que

[...] toda realidade é movimento, e o movimento, sendo universal, assume as formas quantitativas e qualitativas, necessariamente ligadas entre si e que se transformam uma na outra, a pergunta que surge é: qual o motor da mudança

e, em particular, da transformação da quantidade em qualidade ou de uma qualidade para outra nova? (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 104).

No intuito de oferecer uma possível resposta a essa questão, Marconi e Lakatos (2003, p. 105), estudando a contradição como princípio do desenvolvimento, destacam três características principais:

[...] a contradição é interna – toda realidade é movimento e não há movimento que não seja consequência de uma luta de contrários, de sua contradição interna, isto é, essência do movimento considerado e não exterior a ele. [...] a contradição é inovadora – não basta constatar o caráter interno da contradição. É necessário, ainda, frisar que essa contradição é a luta entre o velho e o novo, entre o que morre e o que nasce, entre o que perece e o que se desenvolve. [...] unidade dos contrários – a contradição encerra dois termos que se opõem: para isso, é preciso que seja uma unidade, a unidade dos contrários.

2.2.1 Contribuições do método histórico e dialético para a ciência

Segundo Gomide (2013), toda pesquisa exige uma rigorosa fundamentação epistemológica, uma explicitação clara do posicionamento teórico do pesquisador. A dialética, na concepção materialista, define-se como um método científico, ou seja, uma dialética epistemológica. O materialismo histórico e dialético é um enfoque teórico, metodológico e analítico que nos leva a compreender a dinâmica e as grandes transformações da história e das sociedades humanas.

Soares, Campos e Yonekura (2013) apontam que o materialismo histórico e dialético (MHD) constitui uma vertente em ciência pois associa todas as dimensões necessárias à construção do conhecimento: a epistemológica, a teórica e a metodológica. Os autores ressaltam ainda que o socialismo científico, valendo-se da dialética, produz conhecimento sobre a realidade para transformá-la.

O método dialético é um meio de construção do conhecimento científico das ciências humanas, tornando-se o caminho realizado pelo sujeito (pesquisador) na tentativa de conhecer e perceber-se na construção desse conhecimento do objeto (fenômeno/fato investigado) que se constrói e (des) constrói nas relações entre o sujeito e o objeto (DINIZ; SILVA, 2008b). Lima (2001) ressalta que o desenvolvimento satisfatório de uma investigação científica está intimamente ligado ao compromisso assumido pelo investigador em relação ao objeto pesquisado. Dessa forma, compreender a relação sujeito-objeto é entender como o ser humano se relaciona com “as coisas”, com a natureza, com a vida (BENITE, 2009). Segundo Soares, Campos

e Yonekura (2013), no socialismo científico, para se conhecer a realidade, é necessário compreender a essência do problema estudado.

No método histórico e dialético, o pesquisador compreende o objeto de estudo, a partir de uma base concreta da realidade social, analisa as partes que compõem este objeto por meio de uma abstração, descobrindo suas variantes, conexões, determinantes, procede a síntese, ainda por meio de abstração e, por último, coloca novamente na realidade social o objeto estudado (SOARES; CAMPOS; YONEKURA, 2013).

João Paulo Netto, discutindo sobre o objeto da pesquisa no método marxista, destaca que

[...] para Marx, o objeto da pesquisa (no caso, a sociedade burguesa) tem existência objetiva; não depende do sujeito, do pesquisador, para existir. O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável –, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto. Numa palavra: o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando a sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese, o pesquisador a reproduz no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador reproduz, no plano ideal, a essência do objeto que investigou (NETTO, 2011, p. 21-22).

O método dialético de Marx tem como sujeito o próprio real, a lógica da coisa e não a coisa da lógica, do conceito (CHAGAS, 2011). O método dialético constrói a realidade diante do pesquisador por meio das noções de totalidade, mudança e contradição, uma vez que reconhece a dificuldade de se apreender o real, em sua determinação objetiva. A percepção de “totalidade” compreende o entendimento de que a realidade é interdependente, inter-relacionada entre os fatos e fenômenos que a compõe. Já a ideia de “mudança” diz respeito ao fato que a natureza e a sociedade estão em constante mudança, e essas podem ser tanto quantitativas quanto qualitativas. Já a noção de contradição torna-se o gerador da mudança, sendo essas constantes e intrínsecas à realidade. As relações entre os fenômenos ocorrem num processo de conflitos que geram novas situações na sociedade (DINIZ; SIVA, 2008b).

O método pressupõe dois momentos inseparáveis: a investigação (ou a pesquisa) e a exposição (ou a apresentação). A investigação, ou o método de investigação, refere-se ao esforço preliminar de apropriação, pelo pensamento, das

determinações do conteúdo do objeto no próprio objeto, isto é, uma apropriação analítica, reflexiva, do objeto pesquisado antes de sua exposição metódica. E a exposição, ou o método de exposição, é uma apresentação crítica do objeto com base em suas contradições, quer dizer, uma exposição crítico-objetiva da lógica interna do objeto, do movimento efetivo do próprio conteúdo do objeto. A exposição é uma expressão ideal do movimento efetivo do real, isto é, trata-se não de uma produção, mas de uma reprodução do movimento efetivo do material, do real, de tal modo que o real se “espelhe” no ideal (CHAGAS, 2011).

Uma discussão sobre a dialética foi apontada por Diniz e Silva, que discutem:

A dialética pode orientar a reflexão crítica do mundo quando o pesquisador começa a interrogar-se sobre o que está por trás da aparência dos fenômenos. A verdade não aparece, ela está escondida nos não ditos nos interditos das relações sociais. (...) Desenvolver ciência usando o método dialético é assumir que o saber está contaminado por ideologias e que cabe ao cientista social desvendar o que está escondido na aparência dos fenômenos sociais, particularmente na experiência cotidiana da vida em sociedade (DINIZ; SILVA, 2008b, p. 11).

O método dialético possibilita ao pesquisador detectar problemas por meio do “Por Quê”, em que as respostas serão investigadas nas contradições e nos conflitos inseridos na estrutura da vida social e que só estão sendo explicados em suas manifestações externas. Enquanto meio para o conhecimento, o método dialético indaga a aparência dos fenômenos e busca explorar o que está por trás, ao correlacionar situações de conflito geradas nas contradições de relações desiguais e de exploração, buscando dessa forma compreender a realidade como uma totalidade histórico-social (DINIZ; SILVA, 2008b).

O método científico marxista procura sair do imediatismo para uma compreensão mediada da realidade, buscando um entendimento do “real” que vai do simples ao complexo, da parte ao todo, singular ao universal, do abstrato ao concreto e da aparência à essência das coisas (SOBRAL, 2012).

2.3 O SOCIALISMO CIENTÍFICO NA ATUALIDADE

Muitos intelectuais têm se manifestado sobre a importância do marxismo na atualidade, tendo em vista o aprofundamento da crise estrutural do capitalismo, marcada pela histórica contradição entre o avanço das forças produtivas nas relações

sociais de produção. Os últimos acontecimentos da crise mundial da economia capitalista trouxeram novamente à tona manifestações, posições, publicações em revistas, periódicos, jornais e na internet sobre a atualidade das ideias de Marx (SIQUEIRA; SILVA, 2010).

Segundo Feijó (2015), o legado de Marx continua afetando uma variedade de reflexões no campo social em suas diversas áreas de especialização: antropologia, história, geografia humana, ciências políticas, sociologia e, é claro, em economia; além de literatura e filosofia.

Enquanto método, a dialética não interessa às Ciências Exatas, uma vez que essa área procura estudar as composições biofísicas e físico-químicas dos seres materiais, mais ligadas aos fatos. Já quando se fala de Ciências Humanas, essa área de estudo procura responder o “Como” os fatos se apresentam, o “Por Quê” e o “Para Quê”, sendo essas questões relevantes para compreensão e explicação de fenômenos que se relacionam com a vida em coletividade dos seres humanos, bem como seu destino (DINIZ; SILVA, 2008b).

Ainda segundo os autores, o uso do método dialético possibilita a desconstrução de verdades, quebrando explicações que tem como foco as aparências dos fenômenos nas pesquisas sobre educação.

Cabe destacar que, atualmente, observa-se considerável influência do socialismo científico na construção do conhecimento em saúde. A saúde coletiva é um campo de conhecimentos e práticas que se filiou ao Marxismo em função de tomar como objeto o coletivo (composto de classes sociais) e como finalidade a transformação da realidade de saúde, uma realidade social (SOARES; CAMPOS; YONEKURA, 2013).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Karl Marx deu caráter científico à aspiração por uma sociedade igualitária, propôs uma ruptura ao modo de fazer ciência e filosofia até então existentes. Ele foi capaz de, dialeticamente, superar seus predecessores retendo o que de fundamental continha as respectivas filosofias. Desse modo, o marxismo buscava na realidade o fundamento da existência, tinha uma concepção dialética e materialista da história.

Para Marx, o nosso jeito de ser e pensar, bem como as transformações sociais e econômicas, são determinadas pelo modo de produção da vida material, concepção

que foi chamada de materialismo histórico. Baseado na filosofia do materialismo histórico e no movimento de contradição da história, tem-se o materialismo dialético. Marx propõe a utilização do pensamento dialético como método de análise da realidade, tendo como sujeito o próprio real.

No que tangencia a ciência, a dialética se faz importante uma vez que possibilita ao pesquisador identificar problemas por meio do “Por quê”, onde as respostas serão investigadas a partir das contradições, buscando conhecer o que está por trás.

O legado de Karl Marx possui influências até os dias atuais, principalmente no campo social, envolvendo a área de ciências humanas. Na área da saúde, também é possível perceber influências Marxistas, como na saúde coletiva.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. M. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 1-13, 2010. Disponível em: <186.217.160.122/revpsico/index.php/revista/article/download/74/214>. Acesso em: 9 maio 2016.
- BENITE, A. M. C. Considerações sobre o enfoque epistemológico. **Revista Iberoamericana de Educación**. São Paulo, v. 4, n. 50, p. 3-15, 2009. Disponível em: <<http://rieoei.org/3024.htm>>. Acesso em: 5 maio 2016.
- CHAGAS, E. F. O método dialético de Marx: Investigação e exposição crítica do objeto. **Revista Síntese**, Belo Horizonte, v. 38, n. 120, p. 55-70, 2011. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos2/index.php/Sintese/article/view/1036>>. Acesso em: 20 maio 2016.
- COSTA, B. P. et al. Origem e princípios do Socialismo. **Faculdade Atenas**, 2008. Disponível em: <<http://faculdadeatenas.edu.br/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/RevistaCientifica/REVISTA%20CIENTIFICA%202008/8%20ORIGEM%20E%20PRINC%C3%8DPIOS%20DO%20SOCIALISMO%20-%20Bruno.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2016.
- DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. **O método dialético e suas possibilidades reflexivas**. 21. ed. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008a. Disponível em: <www.gpesd.com.br/baixar.php?file=133>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. **Tipos de métodos e suas aplicações**. 21. ed. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008b. Disponível em: <http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/metodologia_cientifica/Met_Cie_A04_M_WEB_310708.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- FEIJÓ, R. L. C. A. A ideia da ciência em Karl Marx. **Revista Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 14, n. 31, p. 293-325, 2015. doi: 10.5007/2175-7984.2015v14n31p293.
- GOMIDE, D. C. Materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais. In: Jornada do Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil, 11., 2013, Cascavel, PR. **Anais...** Cascavel: HISTEDBR, 2013. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/2/artigo_simposio_2_45_dcgomide@gmail.com.pdf>. Acesso em: 3 maio 2016.
- LIMA, P. G. **Tendências Paradigmáticas na Pesquisa Educacional**. 2001. 301 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000222774&fd=y>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Revisão de Antônio Elias Ribeiro. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979. 174 p. Disponível em: <<http://ujcsp.net/wp-content/uploads/2015/12/50326d4b6f9a8d95c0d7042bc85d4e80.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

MARKONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em: 27 jun. 2016.

MEIER, C. Karl Marx e a crítica a consciência moderna. **Celito Meier Consultoria e Assessoria Educacional**, 16 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.celitomeier.com/anexos/OuvindoVozesEspirito.PDF>>. Acesso em: 3 maio 2016.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 64 p. Disponível em: <<http://ujcsp.net/wp-content/uploads/2015/09/introducc3a3o-aos-estudos-do-mc3a9todo-de-karl-marx-j-p-netto.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

OLIVEIRA, I. P.; NASCIMENTO, A. P. L.; OLIVEIRA, M. A. S. M. O método em Marx: aproximações ao debate. In: Seminário do Trabalho, 8., 2012, Marília. **Anais...** Marília: UNESP, 2012. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt9/o_metodo.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.

PEREIRA, F. **Karl Marx e o Direito**: Elementos para uma crítica Marxista do direito. Salvador, BA: LeMarx, 2015. Disponível em: <<http://www.lemarx.faced.ufba.br/arquivo/karl-marx-e-o-direito.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

PIRES, M. F. de C. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v.1, n.1, p. 83-94, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

PRADO JUNIOR, C. **Teoria Marxista do conhecimento e método dialético materialista**. São Paulo: Ridendo Castigat Moraes, 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/caio.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

SIQUEIRA, S. M. M.; PEREIRA, F. **Marx atual**: textos sobre vigência do marxismo na contemporaneidade. Salvador: LeMarx, 2010. Disponível em: <<http://www.lemarx.faced.ufba.br/arquivo/marx-atual.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

SOARES, C. B.; CAMPOS, C. M. S.; YONEKURA, T. Marxismo como referencial teórico-metodológico e saúde coletiva: implicações para a revisão sistemática e síntese de evidências. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 47, n. 6, p. 1403-1409, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361033329022>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

SOBRAL, J. O. Ensaio sobre o método de pesquisa marxista: uma perspectiva do material dialético. **Revista Científica FacMais**, Inhumas, GO, v. 2, n. 1, p. 5-16, 2012. Disponível em: <<http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2012/10/1.ENSAYO-SOBRE-O-M%C3%89TODO-DE-PESQUISA-MARXISTA-Osvaldo-Jos%C3%A9-Sobral1.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

STÁLIN, J. V. Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico. **Pravda**, Edição impressa, 2014. Disponível em: <<http://www.hist-socialismo.com/docs/MatDialecticoHist%C3%B3rico.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

TONET, I. Pluralismo metodológico: falso caminho. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 48, 1995. Disponível em: <http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/pluralismo_metodologico.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2016.

VASCONCELOS, F. A. A dialética em Marx. **Revista Saberes Interdisciplinares**, São João del-Rei, v. 13, p. 99-120, 2014. Disponível em: <http://www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes_interdisciplinares/pdf/revista13/A_DIALETICA_EM_MARX.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2016.